

## II DOMINGO PÁSCOA

Irmãs e irmãos, hoje celebramos o domingo da Divina Misericórdia. Se ouvimos com atenção as preces e as leituras, é fácil descobrir o porquê deste nome atribuído ao segundo domingo da Páscoa.

A oração de colecta de hoje dirigiu-se a Deus-Pai, nomeando-O o Pai de eterna misericórdia; no salmo cantámos várias vezes: a sua misericórdia é eterna.

Para além de uma simples menção ou lembrança da palavra misericórdia, as leituras falam-nos de uma misericórdia em acção.

Mas antes de meditarmos sobre as leituras da missa, perguntemo-nos o que é que significa misericórdia ou compaixão.

Na origem está a palavra latina misericórdia, composta por sua vez, por outras duas palavras: isto é, **CORDIA**, que aparece nas palavras como cardiólogo ou cardíaco, significando coração; e, depois temos a segunda parte da palavra **MISERI**, que se refere ao sofrimento.

Portanto a misericórdia, a compaixão significa ter um coração que bata também por aqueles que sofrem, um coração disposto a sofrer também em favor dos outros.

Irmãs e irmãos, as leituras de hoje mostram-nos mesmo este tipo de coração disposto a sofrer pelos outros na pessoa de Jesus Cristo e dos seus discípulos. Quando Jesus apareceu aos discípulos depois da sua ressurreição, disse: **A PAZ ESTEJA CONVOSCO!** Esta saudação significa muito mais que um simples cumprimento. Através desta saudação Cristo quis transmitir algo de um valor infinito! A paz que Jesus alcançou para nós custou-lhe o próprio sangue e a própria vida. O que representa esta Paz, Jesus disse claramente:

Recebei o Espírito Santo; Àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados e àqueles a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos!

Jesus transmitiu aos apóstolos o Espírito Santo, com o poder de nos libertar dos nossos pecados, uma libertação que cada um de nós experimentou no sacramento da Reconciliação.

Do mesmo modo, também a primeira leitura de hoje, oferece-nos uma ideia acerca da misericórdia, acerca da sua vivência a nível pratico. Os primeiros cristãos estavam tao cheios do Espírito Santo ao ponto que ninguém podia dizer que aquilo que tinha, pertencia apenas a si próprio.

A primeira leitura chama a nossa atenção também sobre um facto talvez esquecido por muitos de nós e que faz parte dos nossos deveres de cristãos: isto é, as obras de misericórdia corporal: dar de comer aos pobres, vestir os que precisam, acolher os que não tem uma casa e por aí fora.

Para além das obras de misericórdia corporal existem também as obras de misericórdia espiritual, facto sobre o qual chama a nossa atenção, de uma forma indirecta, a segunda leitura de hoje, tirada da primeira epistola de São João:

Dar bom conselho aos que pecam; Ensinar os ignorantes; Aconselhar os que duvidam; Consolar os tristes; Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo; Perdoar as injúrias por amor de Deus; Rezar a Deus pelos vivos e pelos defuntos.

Ouvimos na segunda leitura de hoje:

Caríssimos, quem acredita que Jesus é o Messias, nasceu de Deus. Nós sabemos que amamos os filhos de Deus, (portanto os que estão ao nosso lado) quando amamos a Deus e cumprimos os seus mandamentos!

Irmãs e irmãos é o amor, no fundo, que nos faz capazes de todas estas obras de caridade corporal e espiritual... o amor que temos a Deus mas que passa obrigatoriamente pelo amor ao irmão que está ao nosso lado.

Peçamos nesta eucaristia a graça de sermos testemunhas verdadeiras do amor de Deus, que por nós morreu e ressuscitou! Peçamos também fé para acreditarmos de verdade que Jesus está presente nas pessoas que sofrem, que precisam do nosso apoio espiritual e material!

Todos nós devemos reconhecer que muitas vezes a nossa fé é fraca, é pouca.... Temos atitudes que nos lembram o apóstolo Tomé: queremos ver para acreditar, queremos certezas, queremos tocar para nos apercebermos da realidade!

Deus estará para sempre vivo no meio de nós, porque foi Ele que nos prometeu isto: compete a nós descobri-lo nos nossos irmãos, na sua palavra e nos seus sacramentos! Ámen!

**Santo António dos Olivais – Mosteiro de Celas –**

**HOMILIA DA VIGÍLIA PASCAL 07.04.2012**

1. «Procurais Jesus, o Crucificado. Não está aqui: ressuscitou». Deste modo se dirige às mulheres, perplexas e amedrontadas, que vão ao túmulo procurar o corpo de Jesus, o mensageiro de Deus, revestido de luz. Ele proclama a palavra última de Deus, sobre a cruz e a morte de Jesus: Não está aqui! Ressuscitou!

Esta é a palavra-chave, que lhes abre os olhos, para o sentido oculto de uma presença nova, que irrompe do sepulcro vazio! Não está aqui! Ressuscitou! Ressuscitado, Jesus não é mais um corpo morto! É um corpo glorificado! Não está aqui! Ressuscitou! Ressuscitado, Jesus não está mais sujeito à lei da morte. Venceu-a no seu próprio campo! Não está aqui! Ressuscitou! Ressuscitado, Jesus não é um sobrevivente do grande terramoto. É o princípio de uma nova criação! Não está aqui! Ressuscitou! Ressuscitado, Jesus não é um cadáver reanimado! É o Filho de Deus, exaltado, na glória do Pai. Não está aqui!

Ressuscitou! Ressuscitado, Jesus não dá um passo atrás, mas um passo à frente. Não recupera a vida perdida. Conquista a vida nova. A sua existência não é uma vida consumida inutilmente e perdida na poeira do passado, mas uma vida inteira e consumada, realizada e finalizada na plenitude do amor de Deus! Não está aqui! Ressuscitou! Ressuscitado, Jesus não é alguém que «volta a estar vivo». É simplesmente o Vivente! Aquele que já não pode mais morrer! Aquele que está vivo e vive para sempre! Não está aqui! Ressuscitou!

2. Amanhã de manhã, em todas as igrejas do mundo a Liturgia se abrirá com este belíssimo hino:

«Ressuscitei e eis-me para sempre contigo! Puseste sobre mim a Tua Mão.

A Tua sabedoria é admirável! Aleluia. Aleluia!»! É este, desde os tempos mais antigos, o primeiro canto da liturgia no dia de Páscoa! Podemos ver, nestas belas palavras do salmo 139, 18.5-6, a primeira palavra de Jesus, dirigida ao Pai, depois do Seu regresso da noite da morte ao mundo dos vivos. A mão do Pai sustentou-O, também nesta noite, e assim Ele pode levantar-se, ressuscitar! Como no primeiro dia da Criação, na escuridão impenetrável da morte, Ele entrou como luz – a noite fez-se luminosa como o dia, e a trevas tornaram-se luz! Por outras palavras, Jesus pode dizer ao Pai:

“Viajei até às extremas profundezas da terra, até ao abismo da morte, e trouxe a luz; e agora ressuscitei e permaneço para sempre, seguro pelas Tuas mãos”!

3. Mas esta palavra do Ressuscitado ao Pai torna-se também uma palavra que o Senhor dirige neste noite a cada um de nós: “Ressuscitei e estou para sempre contigo. A minha mão te mantém! Onde quer que possas cair, cairás em minhas mãos. Eu sou o Bom Pastor: «dou-te a vida eterna, e não hás-de morrer jamais, nem ninguém te arrancará da minha mão. Tu és o que de mais precioso o Pai me deu e vales mais que tudo; e ninguém Te pode arrancar da mão do Pai. Porque Eu e o Pai somos Um» (cf. Jo.10,28). Como Pastor, que atravessa contigo os vales mais tenebrosos, estou presente, até mesmo nas portas da morte! Onde ninguém te pode acompanhar e onde nada podes levar. Ali, diz o Senhor, Eu espero por ti, ali abro-te uma passagem, ali transformo, para ti, as trevas em luz»!

Irmãos, irmãs: «A certeza de que existe Aquele\_que, mesmo na morte, me acompanha e com o seu bastão e o seu cajado me conforta, de modo que não devo temer nenhum mal [Sal.22 (23),4]» é a nova esperança, que surge e ressurgente continuamente, a partir da Páscoa de Cristo.

4. Por isso, esta palavra do Salmo 139, «Ressuscitei e eis-me para sempre contigo! Puseste sobre mim a Tua Mão. A Tua sabedoria é admirável! Aleluia, serve também de explicação ao que acontece no nosso Baptismo. De facto, o Baptismo, (Caríssimo Pedro, falo para todos, mas nesta noite falo, em modo especial, para ti), o Baptismo, é mais do que uma lavagem, ou uma purificação.

É mais do que um simples ingresso numa comunidade. É um novo nascimento. Um novo início da vida. E por isso, «desde sempre a Igreja associa a Vigília Pascal à celebração do Baptismo: neste Sacramento realiza-se aquele grande mistério, pelo qual o homem morre para o pecado e se torna participante da vida nova em Cristo

Ressuscitado, e recebe o mesmo Espírito de Deus, que ressuscitou Jesus dos mortos» (Bento XVI, Mensagem para a Quaresma 2011).

A passagem da Carta aos Romanos, que acabámos de ouvir, diz com palavras misteriosas, que no Baptismo fomos “enxertados” de forma semelhante à morte de Cristo. No Baptismo somos dados a Cristo – Ele toma o que é nosso e dá-nos o que é Seu, para que não vivamos mais para nós mesmos, mas graças a Ele, vivamos com Ele e n'Ele, para os outros! Tanto nesta vida, como depois da morte, estamos com Cristo e, por isso, desde o baptismo, a morte já não é um verdadeiro limite! Esta é a novidade do Baptismo: a nossa vida pertence a Cristo, não nos pertencemos a nós mesmos. Não estamos sós, nem sequer na morte, mas estamos com Ele, que vive para sempre e assim nos faz viver!

5. Este é o júbilo da Vigília Pascal: Mediante a ressurreição de Jesus, o amor revelou-se mais forte do que a morte, mais forte do que o mal. O amor que fez Cristo descer ao abismo da morte é, ao mesmo tempo, a força, pela qual Ele se eleva ressuscitado, e nos leva com Ele. Só Cristo ressuscitado pode agora elevar-nos até à união com Deus, onde as nossas forças já não podem chegar. Só Ele nos carrega, como à ovelha perdida, e sobre os seus ombros, nos leva para a casa do Pai, onde habitaremos para sempre!

6. Rezemos, portanto, nesta noite. “Senhor, Cristo Jesus Ressuscitado, mostra-nos hoje também que o amor é mais forte do que o ódio, que o amor, é mais forte do que a morte! Desce também às noites e à mansão dos mortos deste nosso tempo moderno e segura pela mão, aqueles que esperam. Leva-os para a luz! Permanece também comigo nas minhas noites escuras e leva-me para fora!

Ajuda-me, Senhor Ressuscitado, ajuda-nos a descer contigo na escuridão daqueles que estão à espera, e que, das profundezas, gritam por ti!

Ajuda-nos a levar-lhes a Tua luz! Ajuda-nos a chegar ao “sim” do amor, que nos faz descer e, por isso mesmo, a elevarmo-nos, ressuscitados, juntamente contigo!

Amém! Aleluia! Frei Domingos

### **Domingo VI – tempo comum ano B**

Irmãs e irmãos: acho que poucos de nós tivemos a oportunidade de encontrar, pessoalmente, em ‘carne e osso’, um leproso. Muitos de nós conhecemos os leprosos por aquilo que outros nos contaram ou talvez, através de imagens passadas na televisão. A lepra é uma doença infecciosa, reconhecida normalmente pelas manchas brancas da pele que se torna insensível a qualquer estímulo externo. No tempo de Jesus, para este tipo de doença não existia remédio.

Assim como menciona a primeira leitura de hoje, tirada do livro do Levítico, no mundo hebraico a lepra era considerada uma doença grave. O leproso, embora vivo, estava morto do ponto de vista civil e religioso, pois era colocado à margem da sociedade e do culto. Expulso para o deserto, sem ligações com os outros, o leproso é um homem deitado, ainda vivo, no inferno da solidão. A única lei que era obrigado a respeitar era a de se auto-excluir, gritando *impuro, impuro*, àqueles que de modo inevitável o encontravam.

Embora lhes estivesse impedido aproximarem-se das outras pessoas, um dos leprosos passa além da prescrição da lei e aproxima-se de Jesus.

Irmãos e irmãs, a coragem do leproso, que quebra, digamos assim, o molde de uma sociedade legalista, mostra-nos que o direito de nos aproximarmos de Deus não surge, ou não vem do facto, de sermos justos ou injustos, belos ou bons. Deus ama-nos assim como somos, e a nossa miséria (as nossas faltas, imperfeições) não são um obstáculo, mas pode tornar-se a medida da misericórdia divina. Não é a lei que nos julga, nem a consciência que nos condena, mas é Deus que nos dá a vida, que nos ama sem medida e sem condições.

Jesus cura o leproso do evangelho de duas doenças: a lepra e a solidão.

Primeiro, para o curar da solidão, Jesus toca o leproso. É como se lhe tivesse dito: para mim tu não és um excluído. Recebo-te como um meu irmão. Em segundo lugar, Jesus cura a lepra, dizendo: Quero, fica limpo.

Estes são dois motivos que nos devem fazer pensar: depois de mais de 2000 anos de cristianismo, a síndrome da exclusão da sociedade é ainda presente. Basta pensarmos em tantos pais doentes, cujos filhos os abandonaram na velhice e na doença. Filhos que deviam ser apoio e carinho para os próprios pais, mas que se tornam instrumentos da solidão.

Da mesma maneira, temos o caso de tantos jovens excluídos do círculo de amigos, dos ambientes do trabalho, simplesmente por não compartilharem os mesmos gostos e ideias. Houve um caso, em que uma enfermeira católica foi suspensa depois de se ter oferecido a rezar para um paciente. Este gesto foi considerado estranho e uma potencial ofensa para os outros pacientes. Por sorte, depois de alguns dias, a direcção do hospital voltou atrás na decisão, exprimindo apoio para com a enfermeira e para com aqueles que têm fé, para que continuassem a oferecer cuidados de qualidade aos pacientes, permanecendo fiéis à própria crença, fé.

Hoje, encontramos no evangelho um excluído do Templo. Não se trata de uma pessoa que se auto-excluiu, mas que os outros o excluíram e condenaram à solidão. É interessante o facto de Jesus encontrar-se com aquele que foi excluído e não com aqueles que decidiram a exclusão. Sabemos da história da Igreja que quando os cristãos foram excluídos, quando lhes foi encadeada, digamos assim, a liberdade, a sua fé emergia, digamo-lo assim, muito mais viva em comparação com o período em que viveram em liberdade. Também o sofrimento teve muitas vezes a capacidade de nos mobilizar, de nos aproximar uns dos outros.

O sofrimento das pessoas excluídas por qualquer razão, acabará no momento em que encontrem uma pessoa igual a Jesus, disponível para deixá-las aproximar, uma pessoa com quem possam partilhar a própria experiência, uma pessoa que os ame. São muitos os casos em que jovens e adultos foram integrados na sociedade somente quando encontraram um amigo que lhes estivesse disponível.

Irmãos e irmãs, penso que ninguém respeitou os outros tanto como Jesus. Eis alguns exemplos:

- Jesus não diz: esta mulher é uma pecadora, de vida leve, mas pede-lhe água e fala com ela.

- Ele não diz: eis uma pecadora pública, uma prostituta, mas diz: ela tem mais possibilidades de entrar no Reino dos Céus do que todos os outros apegados à riqueza própria e sabedoria.

- Jesus não diz: esta mulher é uma adúltera, mas: eu não te condeno. Vai e não peques mais!

- Ele não diz: esta velha que colocou dinheiro na caixa do templo é supersticiosa, mas diz que ela fez um gesto extraordinário e desinteressado.

- Ele não diz: Pedro é um renegado por me ter negado três vezes, mas afirmou-lhe: Pedro, tu amas-me!

- Jesus não disse: este centurião romano é apenas um daqueles que veio ocupar território, mas disse-lhe: nunca vi tanta fé em Israel como neste homem.

- Jesus não disse: esta pessoa é apenas um funcionário corrupto que se enriquece adulando os do poder e despojando os pobres, mas, pelo contrário, entrou na sua casa e jantou com ele.

E os exemplos poderiam continuar... Para Jesus, os outros, sejam quem forem, sejam quais forem as suas obras, o seu estatuto, reputação, são sempre seres, pessoas amadas por Deus.

Por fim, se Jesus procedeu desta maneira, tanto menos temos direito de excluir os outros. A nossa missão de cristãos não é a de constatar os erros, a maldade e as faltas dos outros, mas, pelo contrário, a de nos aproximar deles, de os encorajar, de lhes servirmos de apoio. Devemos caminhar, viver contra a corrente, se quisermos ser cristãos autênticos. Não tenhamos medo de defender a justiça, de testemunhar a verdade e de realizar o bem, porque, deste modo, faremos visível no mundo o rosto misericordioso de Deus.

Eis o que dizia a beata Teresa de Calcutá:

Se tu fazes o bem, dirão que o fazes por razões ocultas, egoístas. Não te importes com isso e faz aquele bem!

O bem que tu fazes hoje, amanhã será esquecido. Não importa, fá-lo!

A honestidade e a sinceridade fazem de ti uma pessoa vulnerável. Não importa, sê aberto e honesto!

O que construístes ao longo de muitos anos pode ser destruído num instante. Não importa, continua a construir!

Se ajudares as pessoas, elas levantar-se-ão contra ti. Não te importes com isso, ajuda-as na mesma!

Ámen!

## **Domingo IV – tempo comum ano B**

**Um grande filósofo dizia que o objectivo de todas as filosofias deveria ser não apenas a explicação do mundo, mas, sobretudo, a mudança do mesmo.**

A mesma coisa podemos afirmar sobre o Evangelho que pregamos e com o qual aprendemos muito. As pessoas de Cafarnaum do tempo de Jesus recebiam a formação religiosa na sinagoga, em cada sábado. Ocorreu todavia que mesmo num dia de sábado estiveram a aprender com Jesus. E, aquilo que Jesus lhes disse naquele dia, como também a maneira como apresentou a própria mensagem, deixou-os simplesmente maravilhados.

Diz-nos o Evangelho: *todos se maravilhavam com a sua doutrina, porque os ensinava com autoridade e não como os escribas.*

O ensinamento de Jesus era totalmente diferente... O que é que significa ensinar com autoridade?! Se nós compararmos e colocarmos em confronto a maneira de ensinar de Jesus e aquela dos escribas, iremos observar, distintamente, três diferenças: isto é, Jesus ensinava com o coração; Jesus concentrava-se no espírito e não na letra da lei e, a última diferença, Jesus inspirava uma mudança positiva no coração dos seus ouvintes.

Jesus ensinava com o coração, porque tinha a convicção absoluta de que aquilo que comunicava estava em perfeita harmonia com a vontade de Deus.

*Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testemunhamos o que temos visto; e não aceitais o nosso testemunho!* dizia Jesus numa outra passagem do evangelho. Portanto, a sua pregação é um testemunho pessoal da sua relação íntima com Deus-Pai. Por outro lado, o ensinamento dos escribas não nasceu da sua relação pessoal com Deus, mas antes do estudo bastante assíduo da Lei. Por consequência, a maior parte da sua mensagem vinha de um conhecimento teórico da lei e não do próprio coração.

A outra diferença tem a ver com o conteúdo da mensagem. Enquanto os escribas procuravam aplicar, tão só à letra, as prescrições da Lei, Jesus entra na profundidade das coisas, procurando indagar e dar a conhecer o espírito, a intenção original da Lei.

Pensemos, como exemplo, na observância do sábado. Os escribas estão preocupados em estabelecer e fazer aplicar pormenores formais: quando começa e quando acaba o sábado, aquilo que significa ou seja o trabalho que é permitido fazer ao sábado e aquilo que não seja permitido. Jesus procura, pelo contrário, conhecer o pensamento de Deus, que deu a Lei ao seu povo, como expressão do seu amor e do seu cuidado paterno. O sábado (para nós o domingo) é um dia em que renunciamos ao trabalho físico para servir, honrar e louvar a Deus. Ao ouvirem a sua mensagem, as pessoas encontraram no ensinamento de Cristo uma boa notícia, uma notícia de libertação, ao contrário da mensagem dos escribas, que era percebida mais como um jugo, uma carga difícil de suportar e aguentar.

A última diferença entre Jesus e os escribas consta na procura e provocação de uma mudança nos corações das pessoas, no uso da palavra tendo em vista produzir algo de positivo nas pessoas. Quando estas tiveram à frente um cego de nascença, os escribas procuraram explicar o porquê da sua doença, atribuindo-a a um seu pecado pessoal ou a um pecado cometido pelos seus pais. A Jesus interessa apenas curá-lo... porque o seu primeiro cuidado era o de mudar a situação da pessoa, e não só o de explicar.

Acabo por deixar-vos uma pergunta:

Qual é a nossa atitude perante a Palavra de Deus?! Deixamos que ela nos provoque e que traga algo de bom nas nossas vidas?!

**Se aquilo que ouvimos é o Evangelho de Cristo de verdade, não podemos ficar indiferentes e continuar a viver como antes!**

Ámen!

## **EPIFANIA - 2012**

Eis como descreve a liturgia das horas, o breviário que nós rezamos diariamente, o conteúdo da festa de hoje:

***Recordamos neste dia três mistérios: hoje a estrela guiou os Magos ao presépio; hoje, nas bodas de Caná, a água foi mudada em vinho; hoje, no rio Jordão, Cristo quis ser baptizado, para nos salvar.***

Ulteriormente a Igreja separou estes três mistérios em três festas distintas, ficando, não obstante tal facto, o significado comum de revelação, de manifestação. São eventos, mistérios, pelos quais Jesus mostra-se gradualmente como Messias e Redentor.

E, perante toda esta generosidade de Deus, através da revelação do seu Filho, temos a possibilidade de descobrir três atitudes diferentes, que nos podem também ajudar a reflectir sobre como acolhemos Cristo na nossa vida: temos a atitude de Herodes, dos magos e dos sacerdotes.

Herodes, logo que soube do nascimento de Cristo, perturbou-se e reuniu todos os príncipes dos sacerdotes e escribas do povo, não para conhecer a verdade mas para arranjar uma conspiração. A verdade não é importante para ele. Importante é manter a própria posição, o seu estatuto, não ter concorrência. Esta intenção nota-se claramente na recomendação dada aos magos de irem e voltarem para lhe dizerem tudo o que havia de acontecer.

Herodes representa as pessoas que fizeram já a sua própria escolha, que decidiram por si mesmas: entre a vontade de Deus e a própria, acabaram por escolher a segunda. Herodes vê apenas o próprio interesse e está decidido em afastar tudo aquilo que possa perturbar a sua tranquilidade, embora o nascimento de Cristo fosse uma verdade evidente, profetizada e anunciada há muito tempo. Tinha, portanto, todas as razões, factos, profecias para acreditar mas não o fez.



*Quantos de nós não se consideram norma de comportamento ou ponto de referência em relação aos outros??!*

*Quantos de nós não acreditam, porventura, que só aquilo que eles dizem é verdade, a qual deve ser imposta aos outros??!*

*Quantos de nós não mostramos bastante auto-suficiência, que não deixa espaço na nossa vida aos outros, quanto mais a Deus???*

Vamos ver agora a atitude dos príncipes dos sacerdotes. Consultados sobre o lugar onde havia de nascer o Messias, eles não hesitam em responder: Em Belém da Judeia, porque assim está escrito pelo profeta: Tu, Belém, terra de Judá, não és de modo nenhum a menor entre as principais cidades de Judá, pois de ti sairá um chefe, que será o pastor de Israel, meu povo.

Eles sabem onde nasceu o Messias, são capazes de o indicar aos outros com muitos pormenores, mas nada fazem. Não vão a Belém mas ficam comodamente nas suas casas. Assim como dizia santo Agostinho, os sacerdotes comportam-se como os indicadores: indicam uma rua, um certo lugar, mas não se mexem para lá.

Penso que podemos dar conta de uma semelhança impressionante entre o nosso comportamento e o deles: sabemos bem o que significa seguir Jesus e a sua Palavra, sabemos teorizar muito bem as exigências da sua mensagem, sabemos muito bem recomendá-la aos outros, mas falta-nos a coragem e a radicalidade, por vezes, de pôr em prática os ensinamentos da sua palavra.

Se acreditamos de verdade em Cristo e na sua Palavra, então as nossas obras, os nossos actos, serão com certeza diferentes porque há uma ligação inseparável entre a fé (o nosso credo) e a vida.

Conta-se que numa aldeia não chovia há muito tempo. A terra estava seca, a erva definhava e as pessoas tornavam-se cada vez mais nervosas. Então, o pároco daquela comunidade decidiu organizar uma hora especial de oração, em frente da igreja, para implorar a Deus a graça da chuva bem desejada. A praça da Igreja estava repleta de muitas pessoas abatidas, mas cheias de confiança. Muitos trouxeram vários objectos que davam testemunho da sua fé. O pároco olhava com admiração as bíblias, as cruzinhas, os terços, etc... Porém, não conseguia desviar o olhar de uma criança, sentada sossegada na primeira fila... tinha em cima dos joelhos apenas um guarda-chuva vermelho.

É um exemplo que fala por si mesmo: rezar significa pedir a chuva, acreditar mesmo significa ter já o guarda-chuva consigo. Dito por outras palavras, acreditar significa agir conforme a fé, fazer algo de concreto que mostre a fé.

Eis que o evangelho de hoje nos oferece um exemplo muito adaptado de verdadeira fé, transposta em obras por parte dos magos.

*Vimos e Viemos*, aqui está a grande lição destes pregadores anónimos. Não ficaram a pensar mas agiram imediatamente. Se ficassem a pensar, a calcular um de cada vez os

perigos, os caminhos desconhecidos, nunca iriam começar a viagem ou, se a iniciassem, porventura não iriam chegar a tempo.

O objectivo da visita dos magos é muito claro: **viemos adorá-lo**. Esta palavra adorar tem uma conotação, um profundo significado teológico. Os magos sabiam muito bem o que significava adorar, porque era uma prática que se iniciou com eles, naquelas tendas do Oriente. Adorar significa dar a alguém a máxima honra possível, reconhecer a alguém a realeza absoluta. É a primeira vez que se usa este verbo no Novo Testamento na relação das pessoas com Cristo.

Por fim, uma outra indicação preciosa que nos é oferecida pelos magos é que sendo eles avisados no sonho para não passar por Herodes, eles voltaram por outros caminhos para o seu país.

Sem reforçar o significado destas palavras, podemos dizer que encontrando Cristo, de verdade, na própria vida, não podemos continuar a percorrer os caminhos a que estamos habituados.

O encontro com Cristo, com a sua Palavra, deve provocar em nós uma mudança.

Acabo com as palavras de santo Agostinho:

*Também nós fomos conduzidos a adorar Cristo verdadeiro, que brilha no Evangelho, como uma estrela no Céu; e, nós, reconhecendo-O e adorando-O como rei e sacerdote, honramo-lo com ouro, incenso e mirra. Falta-nos agora testemunhá-lo, começando uma nova vida e voltando para as nossas casas por um outro caminho, melhor do que aquele por onde viemos.*

Ámen!

### **Santa Maria, Mãe de Deus**

Penso que cada um de nós, a partir da própria experiência ou da dos outros, nota, repara, que quando uma criança quer descarregar a sua alma, desabafar, quando quer fazer conhecidas as próprias dúvidas, alegrias ou desgraças, acorre à sua mãe. E, a mãe, calmamente, através da sua capacidade de escuta, inspira na sua criança paz e tranquilidade. A mãe deve ser por excelência uma pessoa de paz; ela ama servindo, e alegra-se quando vê o próprio filho feliz.

Não é por acaso que hoje, no primeiro dia do ano civil, a Igreja dirige o nosso olhar para a nossa Mãe dos Céus, para a Virgem Maria, que obedeceu à vontade de Deus e tornou-se a Mãe do Seu filho. A Virgem Maria é o modelo de Mãe que sabe obedecer; a ela nós podemos confiar os nossos cuidados.

Verdadeiramente, pela aceitação livre do plano de salvação por parte de Maria, Deus abençoou a criação inteira. Desta bênção fala-nos a primeira leitura de hoje, tirada do livro dos Números:

***O Senhor te abençoe e te proteja. O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face e te seja favorável. O Senhor volte para ti os seus olhos e te conceda a paz!***

Esta é a bênção de Aarão e dos seus filhos dirigida, conforme o mandamento de Deus, a todo o povo.

Pelo nascimento de Cristo, esta bênção realiza-se em toda a sua plenitude. É o que ouvimos na segunda leitura de hoje, do apóstolo Paulo: ao fazer-se homem, Jesus cumpriu as promessas feitas por Deus no Antigo Testamento. Desta maneira, Jesus conseguiu salvar e redimir os homens. Graças à Virgem Maria cada um de nós tornou-se participante do nascimento e da salvação trazidas por Cristo.

A Virgem Maria é o símbolo daquela que se confia a Deus, mesmo não percebendo tudo o que se passa na sua vida e na do seu Filho. A atitude da Virgem Maria não é de indiferença, de superficialidade, mas antes, tal como nos relata o evangelho de hoje, Maria não deixa que as coisas passem despercebidas, ao acaso:

***Maria conservava todos estes acontecimentos, meditando-os em seu coração.***

Este meditar de Maria representa a preocupação de conhecer a vontade de Deus, de vivenciar que Ele estava perto e a conduzia. Como todas as mães, a Virgem Maria descobre as maravilhas de Deus naquela criança, que cresce e a surpreende em cada dia com as suas primeiras palavras pronunciadas e com os primeiros passos inseguros. Depois, Ele (o Menino) torna-se grande e afasta-se gradualmente dela, para cumprir a própria missão. Esta é a história de cada criança, que pode sempre contar com a presença da sua mãe.

Na verdade, Maria fica ao lado de Cristo ao longo de toda a sua vida. Está ao seu lado na vida pública, através de uma presença calma e silenciosa; está ao lado de Jesus no Calvário, ali onde será confiada ao discípulo amado e a toda a Igreja.

Conta-se que numa família nasceu uma criança com o nome de Lúcia. A alegria dos pais foi enorme, tendo em conta que era o seu primeiro filho. O seu sorriso e olhar cativou-os. Compravam-lhe tudo o que lhe servia e cumpriam todos os seus desejos. O tempo depressa passou e a Lúcia acabou todos os estudos, sendo agora doutora e tendo um bom emprego.

Um dia enquanto participava com os seus pais na missa dominical, Lúcia caiu e perdeu a consciência. Transportada urgentemente ao hospital, os médicos reanimaram-na, mas estabeleceram-lhe um diagnóstico cruel: Lúcia sofria de uma grave malformação do coração. Precisava logo de um doador. Mas onde encontrar um coração?! Com o decorrer do tempo a situação da Lúcia agravou-se tanto que os médicos lhe prognosticaram apenas alguns meses de vida.

Duma maneira milagrosa, mais tarde, encontrou-se um doador compatível. Logo entrou na sala de operações. Tudo correu bem. Lúcia devia ficar no hospital só algumas semanas para recuperação. Finalmente chegou o dia muito esperado da saída e regresso a casa. Quando chegou a casa, o seu pai, com lágrimas nos olhos, deu-lhe uma carta que havia sido escrita pela sua mãe.

Nela podia ler-se:

*Lúcia, minha querida, no momento em que estás a ler esta carta és já grande, uma adolescente cheia de vida e tens um coração forte que bate no teu peito. Não podes imaginar o quanto lamento não estar ao teu lado nestes instantes. Quando soube que corrias o risco de morrer, decidi oferecer-te a mais bela prenda. Ofereço-te toda a minha vida, sem condições. Vives Lúcia! Amo-te!*

Com certeza trata-se de um caso extremo, mas mesmo assim, podemos afirmar que tal como a Lúcia pôde continuar a própria vida graças à doação total da sua mãe, também nós vivemos na luz de Cristo devido ao amor delicado e dedicado de Maria, a qual, aceitando a vontade de Deus, ofereceu a todo o mundo a vida em Cristo.

Hoje celebramos também o Dia Mundial da Paz. Que a Virgem Maria, a Rainha da Paz nos faça viver como filhos de paz e como irmãos que procurem sempre o bem do outro!

Ámen!

### **Natal 2011 ano-B**

Uma pequena história conta-nos que durante a Primeira Guerra mundial, num campo aberto, dava-se uma luta entre dois exércitos inimigos. Era quase noite e o clima (o ambiente) estava apenas carregado de balas, explosões, poeira e muito ódio. Parecia um verdadeiro inferno. Perto daquele campo, havia uma casa onde vivia uma família de pastores. Naquela noite o pai estava fora e imaginemos por isso o medo da mãe que tentava proteger e esconder os seus cinco filhos. A certo momento, o filho mais novo, que mal aprendera a caminhar de pé, escapou da observação da mãe e saiu devagarinho porta fora. Não sabia o que significava a guerra e agora avançava com muita coragem para a frente de combate. Todos os soldados repararam nele e, um a um, pararam de disparar. Não se pode disparar numa criança tão pequena! Durante mais de um minuto, e por sobre aquele inferno, estendeu-se o silêncio. A pequena criança pára, olha admirada à sua volta, e após regressa. Entra em casa e os soldados começam de novo a disparar!

Dito por outras palavras, o Natal significaria isto: num mundo cheio de ódio e inimizades, uma PEQUENA CRIANÇA saiu de casa do Pai, e ao cabo de poucos instantes, desarma-nos. Faz-nos calar. Sabemos que em breve esta Criança voltará para a casa do Pai, o presépio irá desaparecer, como também as árvores de Natal. Sabemos que em breve, depois de o Natal passar, voltaremos aos mesmos hábitos, à mesma vida anterior.

Convido-vos agora, enquanto é Natal, enquanto o menino está connosco, a vermos o que para nós representa o Nascimento de Cristo!

Em primeiro lugar o Natal tornou-se para muitos de nós apenas a festa das prendas, só que antes de mais o Natal é a festa da grande prenda oferecida por Deus à humanidade inteira, a cada um de nós. Oferecer prendas não é algo de mau em si, mas uma maneira de participar na generosidade de Deus.

A festa do Natal deve ser a festa do Amor, que manifesta maravilhosamente até onde chegou a amor de Deus para conosco. Quando os primeiros homens, Adão e Eva, devido à sua desobediência, perderam todos os dons, os privilégios, Deus decidiu tirá-los da sua miséria, enviando o próprio Filho que pagou um preço enorme para nos resgatar: a manjedoura e a cruz.

Por outro lado o Natal tem uma outra mensagem bastante profunda que gostava que fosse um grande desafio para cada um de nós: *Façamos o que Deus fez: tornemo-nos homens!* Porque Deus fez-se homem e habitou entre nós, repetimos tantas vezes sempre que rezamos o Anjo do Senhor! Deus fez-se homem para que também nós aprendamos a sermos\ tornarmo-nos homens, seguindo o seu exemplo e olhando para o menino Jesus. Para nos (re)tornarmos homens verdadeiros é preciso (re)voltar ao início, tornando-nos, num certo sentido, crianças. Porque é que Deus escolheu começar a sua existência sob a forma de uma criança delicada, frágil, desamparada?! Com quem podemos aprender melhor a pureza, a sinceridade, os gestos espontâneos, senão com uma criança!? Quem tem uma alma mais pura do que a de uma criança!?

Eis o que poderia ser a carta de Natal de uma criança dirigida a Jesus:

*Ó menino Jesus, parece-me que não devemos mentir, mas quando digo a verdade os outros ficam zangados comigo. Ontem, o meu pai ficou zangado comigo por ter dito, à frente dos seus amigos, que ele bate na minha mãe. Mas não será que é pior fazer algo de mal, do que falar do mal?!*

*A minha mãe diz-me para ser como o meu pai, mas ele liga sempre para o emprego, mentindo que está doente para não ir trabalhar.*

*Eu também sei pensar, tenho os meus próprios gostos que são diferentes dos meus pais. Eles conduzem a minha vida apenas com proibições, negações: não faças isto, não faças aquilo... e obrigações: deves, deves, deves... Para nós, crianças, existe só o verbo DEVER e nunca Poder. Eles decidem sempre quando podemos brincar, mas eu nunca posso escolher o quando e, se eles dizem Não às minhas iniciativas, eu não lhes posso chamar a atenção, porque sou uma criança.*

*Com tudo isto, Jesus tu nasceste para nos dizer: se não fores como as crianças, não entrarás no Reino dos Céus! Só que eles não nos deixam ser crianças.*

*Fala tu, Jesus, com eles e diz-lhes que uma criança é um valor único na vida de uma pessoa.*

Por fim, dizia um autor que, se a criança que existe dentro de nós morrer, morremos nós também.

Aprendamos a lição do Natal: façamos à maneira de Deus: tornemo-nos homens, não esquecendo que somos também crianças delicadas, frágeis, sensíveis que sempre devemos maravilhar-nos perante a graça de Deus e a sua providência, o seu cuidado para conosco! *Ámen!*

## **Domingo IV ADVENTO – ANO B**

Conta-se que algumas freiras estavam a preparar as crianças, numa escola, para uma peça de teatro de Natal. Uma das crianças não gostava nada do papel que recebeu e queria trocar com o das suas amigas. Quando lhe perguntaram porque razão queria trocar de papel, ela disse:

***Porque é muito mais fácil ser um anjo do que ser a Mãe de Cristo!***

Irmãos e irmãs, a criança tinha razão: ser a Mãe de Cristo não é uma tarefa fácil. Mas por mais difícil que seja, é mesmo isto que nos é pedido para sermos! De facto, podemos dizer que apesar de ter nascido em Belém, o desejo de Cristo é o de nascer sempre no coração de cada um de nós.

A Mãe de Cristo é um título reservado apenas a Maria, só que Maria é a Mãe de Cristo em dois sentidos. Ela é a Mãe de Cristo num sentido físico, porque foi ela que o teve no seu seio e o deu à luz. Mas é também a Mãe de Cristo num sentido espiritual, isto é: o papel de ser mãe de Cristo é um papel que nos diz muito respeito! Todos nós, homens, mulheres, crianças, podemos e devemos tornar-nos mães de Cristo. Um grande místico dizia que Deus criou a nossa alma para nela levar o seu filho, e sempre que levamos ou fazemos nascer dentro de nós Cristo, Deus fica muito mais contente, bem mais alegre, do que quando criou os céus e a terra.

Mas o que é que significa esta maternidade espiritual de Cristo e como é que tal acontece? A resposta está, precisamente, em Cristo.

Naquele tempo, enquanto Jesus falava às multidões, a sua mãe e os seus irmãos ficaram do lado de fora, procuravam falar com ele. Alguém disse a Jesus: “Olha! Tua mãe e teus irmãos estão aí fora, e querem falar contigo”.

Jesus perguntou àquele que tinha falado: “Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?” E, estendendo a mão para os discípulos, Jesus disse: “Eis minha mãe e meus irmãos. Pois todo aquele que faz a vontade do meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.

É esta passagem do evangelho de São Mateus que nos mostra o que Jesus espera de cada um de nós: que não sejamos apenas irmãos e irmãs, mas também mães, e a forma de o sermos é fazer a vontade de Deus na nossa vida. Tornamo-nos mães de Cristo dizendo SIM a Deus, mesmo que nos pareça humanamente impossível aquilo que Deus nos pede, assim como pediu a Maria para ser Mãe virgem.

Para nos tornarmos Mães de Cristo devemos fazer nossa a oração da Maria:

***Eis a serva do Senhor faça-se em mim segundo a Tua Palavra!***

Esta oração é muito profunda. É a oração que trouxe Deus dos Céus para habitar no corpo e na alma de uma humilde jovem. É a oração que mudou o curso da história há mais de dois mil anos atrás. Nela não se pede nada. Não se pede a Deus para fazer a minha vontade, mas dizemos apenas *eis-me! Faça-se a Tua vontade!*

Irmãos e irmãs, aquela criança da história que vos contei no início tinha razão. Não é fácil ser a Mãe de Cristo. Mas, no evangelho de hoje Maria mostra-nos como devemos agir: escutando a palavra de Deus, dizendo SIM a Deus, mesmo quando pareça ser contra os nossos próprios planos, contra as nossas esperanças.

O Natal, o Nascimento de Cristo, sendo próximo, que a Virgem Maria nos lembre apenas isto:

***O MELHOR NATAL, DE FACTO, O VERDADEIRO NATAL, É AQUELE EM QUE CRISTO NASCE NÃO NA PEQUENA BELÉM, MAS NO SANTUÁRIO INTERIOR DO CORAÇÃO DE CADA UM DE NÓS!***

*Ámen!*

## **Domingo II – Advento ano B**

Irmãos e irmãs: também neste domingo, a Palavra de Deus convida-nos a prepararmos para a vida de Cristo entre nós. Se no primeiro domingo do Advento era-nos pedida a vigília, hoje é-nos pedida a conversão, um voltar a Deus, uma mudança da mentalidade da vida, capaz de mostrar e marcar a diferença entre nós, os cristãos, e os outros que não têm o dom da fé.

Penso que seja um grande desafio para cada um de nós, o de mostrar aos outros que somos cristãos. Só que agora, quando falta pouco até ao Natal, temos a possibilidade de o fazer através de coisas simples: isto é, preparar um presépio em casa ou também uma coroa de Advento, ir à missa não para que os outros vejam mas porque precisamos de ser ajudados por Deus nesta caminhada de Advento, e muitos outros exemplos.

E como sempre temos a palavra de Deus, que nos pode acompanhar e ajudar a escolher o caminho certo, e para que preparemos melhor a nossa vida para a sua vinda entre nós. Ao longo do Advento teremos duas figuras, a do João Baptista e da Virgem Maria, que nos farão reflectir sobre como podemos ser verdadeiros cristãos, hoje em dia, quando o mundo acredita menos em Deus. Esforçando-nos a dar um bom testemunho da nossa identidade de cristãos significa já uma grande conversão. O grande Mahatma Gandhi, o fundador duma grande religião na Índia, dizia que ele com toda a certeza se faria cristão se encontrasse pelo menos um! É um grande desafio para cada um de nós este apelo a sermos cristãos que saibam comprometer-se, que saibam defender a própria fé, etc..

***Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas!*** é o que ouvimos no Evangelho de hoje. São as palavras do profeta Isaías que nos indicam também, a nós, o caminho a seguir. João Baptista apenas preparou a vinda de Cristo, anunciou que Ele é o salvador do mundo e, na medida em que Cristo se vai manifestando, João procura ficar em segundo plano, ir desaparecendo, digamos assim. Importante é que Cristo seja anunciado, conhecido e amado.

Eis, portanto, a humildade de não sermos o centro, ou de estar no centro, e tanto João Baptista, como também a Virgem Maria, perceberam muito bem isso: ele fez apenas o seu dever, a sua missão e nada mais. Não procurou ser estimado, elogiado por ser o

precursor do Messias, mas como antes dizia procurou afastar-se na medida em que Cristo ia começando a sua pregação.

Por fim, nós também somos precursores de Cristo, somos suas testemunhas. Recebemos com o dom do baptismo o grande privilégio de confessar a fé em Cristo com a nossa palavra e .....sobretudo com as nossas acções.

A nossa conversão, a nossa preparação para o Nascimento de Cristo, deve provocar em nós uma abertura maior para aquilo que Jesus quer transmitir-nos com a sua palavra, porque é Ele que dá sentido à festa do Natal, e depois, a nossa conversão passa por uma maior abertura para com os outros: deixar de lado o nosso egoísmo, as nossas ambições, o nosso orgulho, etc..

Que Deus nos faça cada vez mais conscientes da nossa identidade de cristãos e que nos ajude a preparar da melhor forma a vinda do seu Filho, Jesus Cristo entre nós! Ámen!



## Festa da Sagrada Família - C

Eclo 3, 3-7.14-17<sup>a</sup>

Cl 3, 12-21

Lc 3, 41-52

No primeiro Domingo depois da solenidade do Natal, a liturgia põe a festa da Sagrada Família, para mostrar a família, em que Jesus cresceu, porque cada homem nasce e vive numa família. As leituras do Domingo propõem uma reflexão sobre a família, sobre os pais e sobre os filhos.

A primeira leitura, tirada do livro de Bem Sirá (ou Eclesiástico) contém conselhos admiráveis para algumas situações da vida. Uma boa parte do livro de Bem Sirá é dedicada à vida familiar, aos deveres do marido e da mulher, às obrigações dos filhos para com os pais e vice-versa.

O trecho deste Domingo fala-nos dos deveres dos filhos para com os pais; deveres que se podem resumir numa palavra: “honrá-los”. O que significa isso? Antes de mais, que a sua vida deve ser tão boa, integra e correta, que os pais, sempre que ouçam falar dos filhos, possam sentir-se realmente honrados. Depois, significa que devem ajudá-los economicamente e assisti-los, quando precisarem (hoje acontece o contrário, são os pais e os avós que apoiam e sustentam o filhos e os netos!?) Nesta leitura é comovente, sobretudo, a recomendação de tomar conta do próprio pai, quando é velho. Pode acontecer que ele chegue, por causa da idade, a perder a cabeça, que não raciocine mais, que digas coisas ofensivas e que, por isso, seja necessário aturá-lo! Mas tudo isso não é motivo para justificar o desprezo e o abandono, como acontece hoje em tantas famílias, em que os velhos pais são abandonados nos lares. Há um terceiro significado, ainda mais profundo. Na língua aramaica, o termo “honrar” quer dizer “ter peso”. Então, honrado” é, pois, aquele a quem “se dá peso”. Agrada muito a Deus o amor dos filhos para com os pais. Isso ressalta das numerosas promessas, feitas àqueles que tomam conta do pai e da mãe. Acumularão tesouros diante de Deus; quando orarem, serão sempre atendidos; terão filhos exemplares; e, se tiverem cometido qualquer pecado, ser-lhe-á perdoado.

A leitura parece falar somente dos deveres dos filhos. Até parece que os pais podem fazer o que lhe apetece, enquanto os filhos serão sempre obrigados a assisti-los. Pergunta-se, então: “Pode, por exemplo, um pai embebedar-se, não respeitar a própria mulher, desbaratar o dinheiro, meter-se em zaragatas com todos e depois pretender obediência e respeito dos filhos?” Sabemos que estas coisas, infelizmente, acontecem, até nas famílias que se dizem cristãs. Todavia, recorde-se que, para um verdadeiro cristão, o amor deve ser incondicional. São Paulo recomenda:” Revesti-vos de sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade e de mansidão e de paciência. Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente”. Numa palavra não se ama uma pessoa porque é boa, mas deve fazer-se com que ela se torne boa amando-a. Se isso vale para todos, vale, sobretudo, em relação aos pais. Amá-los não ignifica deixá-los fazer o que querem, mas compreendê-los e ajudá-los a ser felizes. Também os filhos não se comportam sempre de maneira exemplar. E, no entanto, os pais muitas vezes não desanimam e esperam sempre que eles melhorem. Mas também é verdade que, perante hábitos ou comportamentos que não se podem mudar, não resta senão a paciência.

Mas hoje é-nos apresentada como modelo a Sagrada Família, uma família um bocado particular. Esta Santa família de Nazaré traz uma mensagem para todas as famílias, que vale também hoje, numa altura em que a família como instituição está em crise. A mensagem é o anúncio que é possível uma santidade não somente individual, mas uma bondade, uma santidade coletiva, familiar e partilhada, como um contágio de

santidade entre as relações humanas. Santidade não significa “ser perfeitos”- nem sequer as relações entre José, Maria e Jesus eram perfeitas- Há, de facto, aflição e angústia, provocados pelo filho adolescente. Jesus tinha doze anos e tinha-se afastado dos pais sem lhes pedir licença e, quando a mãe lhe pede explicações para aquilo que fez, até parece que responde mal! Maria e José, por sua vez, não compreenderam as suas palavras! Portanto, houve desentendimento e incompreensão explícita! Santidade não significa não ter defeitos, mas ter os mesmos pensamentos e sentimentos de Deus e traduzi-los, com fadiga e alegria, em gestos. Ora bem, Deus é Amor, ou seja vida e, obviamente, no topo dos seus sentimentos está o Amor. Na casa, onde existe o amor, aí existe Deus. E aqui falo não somente do amor espiritual, mas do amor vivo e poderoso, encarnado no quotidiano, visível e, ao mesmo tempo, segredo. Amor que se mostra numa carícia, num alimento preparado com cuidado, numa palavra afetuosa, ou numa brincadeira que desdramatiza situações penosas; na paciência de escutar, no desejo de abraçar-se. Não existem dois amores: o Amor de Deus e o amor humano. Há um único grande projeto, um único grande amor que move Adão e Eva, o irmão para a irmã, o pai para o filho, o inimigo para o amigo, Deus para a humanidade. É isso que significa o Natal. É o sorriso de Deus! Deus fez-se um de nós para que no tornássemos como Ele.

“Jesus desceu, então, com eles para Nazaré e era-lhes submisso.” Jesus deixa o Mestre da Lei e vai com Maria e José que são “mestres” de vida. Durante anos aprende a arte de ser bom obedecendo aos pais, ou seja seguindo aos ensinamentos dos pais. Maria é meigamente forte, mais passiva. José é um pai não autoritário, que sabe recuar. É na vida escondida de Nazaré que Jesus aprendeu a trabalhar, a obedecer, a beijar e a ser beijado, a abraçar e a ser abraçado, a tratar as pessoas (sobretudo as mulheres) de maneira livre. Foi Jesus que inaugurou relações novas entre o homem e a mulher, paritárias e sem medos. A Bem-Aventuranças Jesus viu-as em sua casa, viveu-as junto com os pais, aprendeu-as na casa de Nazaré através dos pais: eram pobres, justos, puros de coração, mansos, construtores de paz, com entranhas de misericórdia para com todos. E o seu falar era: “Sim, sim; não, não!” Jesus sentia-se bem tão bem com os seus pais que com Deus Pai adotou a linguagem de casa e chama-o: “Abbá! Pai”. E isso significa estender aquelas relações a nível de massa! Por isso dirá: “Vós sois todos irmãos”.

Também hoje, tantas famílias, longe dos refletores, com grande fadiga, tecem profundos elos de amizade, de boa vizinhança e de ajuda e colaboração; vidas extraordinariamente “santas” nas pequenas coisas, como aconteceu em Nazaré.

A família é o lugar, onde se aprende a pronunciar o nome de Deus e o nome mais belo de Deus é: Amor, Pai e Mãe. A família é o primeiro lugar, onde reside o primeiro magistério, ainda mais importante do da Igreja! É da porta de casa que saem os Santos, os que sabem dar e receber amor e que, por isso, saberão ser felizes.

Frei João Sartori